

## Érico Veríssimo e o espaço romanesco: uma leitura de *Noite*

Ewerton de Freitas Ignácio <sup>1</sup>

RESUMO: Este artigo tem por finalidade realizar um estudo acerca da representação espacial em *Noite*, romance publicado por Érico Veríssimo em 1954, buscando evidenciar as correlações entre a caracterização psicológica do protagonista e a descrição dos espaços físicos que o rodeiam.

PALAVRAS-CHAVE: Romance; Teoria Literária; Espaço Romanesco.

1 E vem a noite...

*Noite*, publicada por Érico Veríssimo em 1954, constitui uma obra cuja estrutura se afasta de todas as outras do escritor gaúcho, na medida em que a ação deste romance é centrada na experiência de apenas uma personagem no decorrer de, aproximadamente, dez horas. Seu enredo narra a história de um homem que se encontra em estado de amnésia e, conseqüentemente, sem “a noção da sua própria identidade” (CHAVES, 1976: 106). Conduzido por duas figuras de hábitos arraigadamente noctívagos, que conhecera num Br da beira do cais – um anão de aparência disforme e um senhor muito bem trajado, ao qual o anão chamava de “mestre”, durante toda a narrativa – o Desconhecido ou homem de gris – nomes pelos quais é chamado o protagonista desmemoriado no transcurso da trama – percorre alguns pontos do submundo da cidade, transitando por bordéis, bares mal iluminados e sujos, e deambulando, ainda, por locais caracteristicamente urbanos, como o parque, a quermesse e calçadas fervilhantes de pessoas que caminham aos esbarrões, muito apressadas, bem como por movimentadas avenidas. A memória só lhe retorna ao amanhecer, quando ele consegue concatenar o motivo que o levava à perda da consciência de si: fora abandonado pela mulher, exausta pelo fato de os problemas internos dele interferirem na relação conjugal.

Ganham vulto, nesse livro de Veríssimo, o elemento espacial – ruas e lugares de uma cidade anônima – e a quase completa ausência de iluminação da grande maioria dos locais a que o Desconhecido se encaminha. Considerando o fato de que na maioria dos ambientes vigora uma iluminação obscura e um clima de anonímia que acaba por repercutir no interior umbroso e desconhecido do homem de gris, o objetivo deste artigo é analisar de que modo se

---

<sup>1</sup>Docente da UEG e doutorando em Teoria da Literatura pela UNESP/SJRP.

processam, correlativamente, as descrições do espaço e os estados internos do protagonista: a um espaço vago, obscuro, anônimo, corresponde uma personagem amnésica, desnortada, que, na noite escura, vagueia sem rumo certo.

## 2 *Noite*: o abafado espaço do anonimato

Conforme um interessante estudo de Osman Lins, o espaço constitui “tudo aquilo que, intencionalmente disposto, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem” (1976: 72). Desse modo, vislumbra-se uma interação entre espaço e personagem, como se verifica em *Noite*.

A trama se inicia com o Desconhecido perdido e amnésico numa movimentada esquina de uma cidade que, pela descrição do tráfego, se pressupõe ser grande:

E de novo se perdeu num território crepuscular, povoado de vozes e vultos vagos, iluminado de quando em quando por súbitos e inexplicáveis clarões – e nesse mundo ele andou perdido, o pensamento vazio, consciente apenas do fato de que caminhava, embora as pernas parecessem não pertencer-lhe. (...) No mais, era aquela dor branca na boca do estômago, e a solidão, o abandono, o ruído regular e implacável daquelas passadas que o perseguiam. Levou algum tempo para perceber que eram os seus próprios passos soando nas lajes duma calçada solitária. (VERÍSSIMO, 1975: 2)

Ao prefaciar a terceira edição de *Noite*, Flávio L. Chaves a denominou de “a narrativa da solidão”, e é isso o que nos sugere o trecho supracitado: de pronto o autor já expõe o clima opressivo de um cenário estreito, sufocante, inóspito e constrangedor. Essa atmosfera pesada e asfíxiante, aliada à sensação de vazio e abandono que tem o Desconhecido, é que perpassa todas as páginas dessa obra de Veríssimo.

Nenhuma personagem possui nome, nem se identifica a cidade em que se passa a ação. Os lugares retratados são passíveis de existirem em qualquer cidade litorânea, e as personagens também podem ser quaisquer pessoas, isto é, o Desconhecido, o mestre, o anão, na medida em que são destituídos de nomes, parecem carecer da individualidade advinda do nome próprio, podendo identificar-se com quaisquer pessoas que, enredadas nas duras malhas de uma sociedade bruscamente modernizada, reificadora e até alienante, acabem por se perder de seus valores sócio-afetivos e morais.

Pode-se inferir, ainda, que a descrição dos espaços em *Noite* – tanto os amplos quanto os restritos – cria um clima de opressão que é análogo às sensações e percepções do Desconhecido. Desse modo, não se percebe tensão conflituosa entre a personagem e o meio,

mas sim correspondências, ecos de um ambiente cerceador e sombrio a percorrerem o interior oprimido e umbroso do protagonista, como se um e outro fossem oriundos das mesmas regiões ignotas e misteriosas, entes de um estranho sortilégio comum.

Dessa maneira é que o homem de gris, a noite e a cidade parecem fundir-se na mesma tensão anônima; os movimentos, ruídos e sons desta a se embaralhar com o sangue pulsante daquele, numa miscelânea de caráter obscuro e angustiante:

A cidade parecia um ser vivo, monstro de corpo escaldante a arquejar e transpirar na noite abafada. Houve um momento em que o homem de gris confundiu as batidas do próprio coração com o rolar do tráfego, e foi então como se tivesse a cidade e a noite dentro do peito. (VERÍSSIMO, 1975: 2).

Esquematizando o movimento incerto do protagonista por uma cidade hostil numa noite angustiante, tem-se:

- parque;
- café restaurante da beira do cais;
- velório em casa humilde;
- final de quermesse;
- prostíbulo requintado;
- Hospital de Pronto Socorro;
- cabaré do Vaga-lume;
- quarto da meretriz Ruiva.

O parque é o primeiro local a que o Desconhecido se encaminha, motivado pela aflitiva sensação de aperto e agonia que lhe causa o fato de sentir-se estranho numa cidade que ignora. Lá dentro, contudo, a obscuridade reinante, os esbarrões em troncos de árvore caídos, bem como a sensação de que era um criminoso, fazem-no procurar um espaço menos escuro, onde ele possa se esconder de alguém – que acredita estar em seu encalço –, mesmo que seja em meio à multidão e, assim, ele foge do parque.

Dessa forma é que, de repente, se vê dentro de um café-restaurante de beira de cais, um ambiente calorento, sórdido e sujo. Aí trava conhecimento com o anão disforme e com o “mestre”, aos quais passa a acompanhar no transcurso da trama.

No intervalo de tempo entre o sair do parque e o estar no café-restaurante, porém, ele deambula por ruas ora escuras ora obscuras, e sempre apertadas e sufocantes.

Nesse sentido, as zonas de escuridão e obscuridade presentificam-se em toda a narrativa, analogamente ao deambular e aos desencontrados pensamentos do protagonista, que oscila

entre o não ter consciência de si, caminhando e agindo como um autômato, e a consciência inexata que tem deste fato, numa constante tentativa de se recordar de qualquer coisa que lhe desvele sua identidade esquecida.

Após saírem do café-restaurant ,o anão avista uma meia água em que se realiza um velório, como tem fascínio por retratar rostos de mortos e de doentes, conduz a si e aos dois companheiros para dentro do velório. Ele e o mestre entram cumprimentando todos, como se fossem íntimos do falecido. O Desconhecido os segue, entre estarecido, sufocado e abobalhado.

Não há muita precisão no ato de narrar o interior da casa, como se toda ela, dessa maneira, se configurasse como algo sombrio, de que se apreende não a totalidade pormenorizada, mas apenas alguns detalhes, indícios de algo que análise espacial desvendaria.

Por outro lado, tem-se pleno acesso à repercussão do ambiente no interior do Desconhecido:

A cabeça agora lhe doía com mais intensidade, as têmporas latejavam, e o calor ambiente, o aperto, a proximidade desagradável daquelas caras cujas feições mal distinguia à luz amarelenta da lâmpada nua, o contato daqueles corpos que transpiravam, o cheiro de cera derretida mesclado com o de suor humano e com o aroma das flores – tudo isso contribuía para aumentar-lhe a aflição, o estonteamento, a miséria. Houve um instante em que teve a impressão de que ia desmaiar. Apoiou-se na parede caiada e ficou a olhar estupidamente o cromo do calendário ali dependurado: um penhasco negro batido pelas ondas do mar. (VERÍSSIMO,1975: 39).

O homem de gris se vê em meio a um ambiente apertado, e a dor de cabeça que o persegue se acentua ainda mais. A obscuridade do ambiente fica a cargo da “luz amarelenta da lâmpada nua”, que justifica a ausência de boa iluminação – embora não o sombrio do ambiente, que apenas se pressente – e corrobora a baixa condição social da família do morto.

Há no texto, uma gradação dos motivos que atormentam o Desconhecido, cuja leitura sugere a presença de um turbilhão a rondar a personagem e o leitor, aproximando-os da mesma sensação de aturdimento. O ápice dessa sensação se dá quando o protagonista amnésico, pressentindo um desmaio, apóia-se na parede.

O fato de o Desconhecido, após apoiar-se na parede, ficar olhando “estupidamente para o cromo do calendário ali dependurado” não é gratuito: existe uma inter-relação entre o que ele sente, o que está vivenciando e a gravura do calendário. A presença do rochedo sugere a

noção de precipício entre seu cume e o fundo do mar, o que indiretamente remete à condição do Desconhecido logo no início da narrativa, esforçando-se para se recordar do seu passado:

De olhos cerrados, procurava desesperadamente lembrar-se, e esse esforço  
lhe atirava o espírito em abismos vertiginosos, em sucessivas quedas no vácuo...  
(VERÍSSIMO, 1975: 2).

A forte e ritmada pressão que as ondas do mar exercem de encontro ao penhasco, reforçada pelo uso do verbo “batido”, e não “banhado” ou mesmo “acariciado”, é análoga à sensação de desconforto e angústia do Desconhecido, cuja falta de memória numa noite calorenta e abafada tanto o incomoda.

A personagem fica cara a cara com uma figura retratada que, para além de aludir à sua própria condição de ser coagido por outrem e pelas circunstâncias a dar explicações e respostas que não possui, se configura como a paisagem do calendário pendurado na parede da casa em que se realiza um velório, ou seja, a presença mesma do calendário nessa situação já reporta à indiferente e irreversível passagem do tempo, que a todos, sem exceção, conduz à morte.

O cenário com que o protagonista depara na quermesse, no prostíbulo requintado, no Hospital de Pronto Socorro e no cabaré do Vaga-lume não difere muito do que se constata no velório: nos três o calor ambiente e a aflitiva sensação de sufoco o perseguem. Nesse sentido, é interessante notar que analogamente à sensação de abafamento, desespero e tormento do homem de gris, o céu dessa noite profunda está “baixo e carregado”, com nuvens escuras e espessas a lhe toldarem. E assim, ao invés de estrelas, tem-se a imagem de um firmamento esmagador, cujas trevas são entrecortadas, de quando em quando, pelo rasgante risco de relâmpagos ameaçadores. O que B. Tomachévski denomina motivação caracterizadora homóloga (1965: 34), apresenta-se em *Noite* na configuração de uma noite calorenta, com um céu em que se arma, abafada e silenciosamente, um pesado temporal, repercute em cheio nas sensações do Desconhecido. Tanto é assim que, somente após o temporal que gradual e silenciosamente se armara, desabar sobre a cidade, o homem de gris consegue dormir e, ao acordar, encontrar-se de posse da sua memória.

No prostíbulo de luxo, constata-se claramente a correlação entre o temporal que se arma, o clima de abafamento que dele decorre e a sensação de angústia do Desconhecido, como se à tempestade externa correspondesse uma interior. Daquela se sabe a direção dos relâmpagos, desta se desconhecem as voltas inúmeras da mente de uma personagem em busca

do seu passado: “Um trovão ribombou longe. O Desconhecido sentiu-o dentro do peito”. (VERÍSSIMO, 1975: 74).

No cabaré do Vaga-lume é, a exemplo do que se destaca em todo o movimento deambulatório do Desconhecido em sua noite de amnésia e sofrimento, a presença marcante do calor que, oriundo do mormaço que grassa sobre a cidade, é intensificado no salão do cabaré, em cujo interior tudo contribui para tal intensificação: a “estridência” com que a orquestra toca, o “calor daqueles corpos em combustão” e o “ventilador” que não consegue refrescar a temperatura ambiente.

A isso, acrescenta-se, ainda, a iluminação ambiente, fraca e sombria, que sugere a idéia de lubricidade num espaço obscuro e hermético, saturado de “risadas obscenas”, de bafio de álcool e de fumaça de cigarro.

No cabaré do Vaga-lume, por intermédio do mestre, o homem de gris entra em contato com a prostituta Ruiva, e o anão fica com a Passarinho, sua predileta já de outras noites. Depois de o Desconhecido sentir-se mal e tomar um pileque de champanha, saem os cinco rumo à casa das duas prostitutas.

Depois de adentrarem,

O mestre foi empurrando o Desconhecido e a Ruiva para dentro do outro quarto. Era uma peça pequena, de paredes brancas, com uma cama de casal, um penteador de espelho circular, uma pia, um guarda-roupa de pinho e uma cadeira. O soalho era nu e triste... (VERÍSSIMO, 1975: 97).

Percebe-se, por essa descrição, que se trata do quarto de uma pessoa de condição social humilde: o quarto é pequeno, e nele há apenas o indispensável para o descanso e o sustento de sua dona. Paira sobre toda a casa, a começar pelas “estátuas mutiladas sobre a platibanda”, um clima de melancolia, de obscuridade e tristeza, muito bem expresso na descrição do soalho “nu e triste”. Na verdade nu e triste estão também o Desconhecido e a Ruiva. Ele, nu no sentido de se encontrar desprotegido, solitário “nas ruas sem nome nem norte” (p. 3), e a Ruiva, a julgar por seus “gestos cansados”, por seus sorrisos tristonhos e pelo cansaço de todas as noites.

Depois de os dois fazerem amor, o temporal que se armara sobre a cidade desaba e o Desconhecido adormece. Quando acorda, encontra-se de posse de sua memória esquecida e retorna para sua casa, logo ao raiar da aurora, em busca da esposa e de um passado que almeja resgatar plenamente.

### 3 Considerações Finais

Todos os lugares a que o homem de gris se encaminha são espaços sombrios, povoados de seres anônimos e em sua maioria sórdidos. Desses, seis, são locais fechados, constituindo cenários em cuja estreiteza o abafamento da noite opressiva se acentua ainda mais. Os dois restantes, quais sejam o parque e a quermesse, embora sejam espaços abertos, amplos, arejados e desprovidos de paredes cerceadoras e aprisionadoras, não induzem o protagonista a uma sensação de descontração, alívio ou minimização da angústia que não o abandona em todo o transcorrer da trama em que se encontra em estado amnésico.

Disso se infere que, embora haja estreitas relações entre o que o Desconhecido sente e o espaço pelo qual ele flana, sua angústia provém igualmente da perplexidade de se encontrar amnésico, perdido numa cidade anônima e aprisionado num corpo que transitoriamente desconhece. Nesse sentido, ele se relaciona consigo mesmo – tenta fugir dos seus temores, busca a si mesmo – em meio a espaços cuja configuração lhe repercutem em cheio.

Desse modo, em *Noite*, o abafamento e o anonimato das personagens e dos locais, bem como o sombrio que os perpassa, formam o todo orgânico do romance: uma obra que dialoga com o leitor e o faz perceber o sombrio que pode haver em todas as noites.

### 4 Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1978.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- TOMACHÉVSKI, Boris. Thématique. In: TODOROV, T. (org.) *Théorie de la littérature*. Paris: Seuil, 1965.
- VERÍSSIMO, Érico. *Noite*. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1975.

